

**A IMPORTÂNCIA DAS PERSONAGENS FEMININAS  
NA OBRA *REINAÇÕES DE NARIZINHO***

*Erivania Oliveira Dimano* (UEMS)

[erivaniadimano@hotmail.com](mailto:erivaniadimano@hotmail.com)

*Maria Leda Pinto* (UEMS)

[leda@uems.br](mailto:leda@uems.br)

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo apresentar resultados parciais da investigação desenvolvida com o projeto de pesquisa "O Abrasileiramento da Linguagem de Monteiro Lobato na Obra *Reinações de Narizinho*", no Programa de Mestrado em Letras da Unidade Universitária de Campo Grande/UEMS. Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa o presente trabalho discute a relevância das personagens femininas dentro da obra infantil de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, selecionando, principalmente, as personagens adultas dentro do enredo, pois elas assumem o controle ideológico do ambiente ao qual estão inseridas. São mulheres que exercem funções nas áreas da educação, e também nas áreas administrativas e psicológicas. Com foco na área da educação esta pesquisa analisa, nesse contexto, duas personagens que estão inseridas diretamente no processo educacional do conceito da escola nova, pois ambas contemplam o método do contador de histórias para especificar cada qual em seu contexto histórico as disciplinas atribuídas ao repasse de conhecimento educacional ao leitor infantil. A primeira delas é dona Benta que segundo o narrador/autor exerce a função de educadora erudita e a segunda personagem é a tia Anastácia que exerce a função de educadora popular. São saberes diferentes que auxiliam na compreensão da composição das primeiras obras infantis de Lobato e de seus ideais pedagógicos. A abordagem teórica etnográfica qualitativa é efetuada com literatura e suporte teórico histórico sob essa perspectiva o aporte teórico dessa pesquisa está sendo realizado por meio de autores como Gramsci, Saviani, Candido, Adorno, Teixeira e Azevedo que estabelecem parâmetros entre literatura e educação. Essa pesquisa tem por finalidade entender em qual contexto as personagens femininas nas obras infantis de Lobato, adequam-se aos métodos pedagógicos desenvolvidos juntos ao conceito da escola nova.

**Palavras-chave:** Educação. Literatura. Personagens femininas.

**1. Introdução**

O despertar da humanidade surge quando ele passar a observar o meio em que vive, e quando domina esse observar ele criar, recriar e passa a narrar seus entendimentos uns aos outros. Desse modo surgiu aquele que guarda a palavra, o sábio.

A palavra que de tão poderosa sobrevivi ao mito e o mito vira lenda e chegou à atualidade em forma de histórias que hoje são transmitidas em ambiente escolar, principalmente nas séries iniciais. Mas antes

de chegar às escolas, o sábio de hoje é o contador de histórias, homens e mulheres comprometidos em transmitir conhecimento por meio de histórias que tal vez, em apenas um dia... Foram verdadeiras.

Este artigo vem à luz do conhecimento, constatar a importância das personagens femininas na obra de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*. Essa constatação está sendo efetuada por meio da profissão do contador de história, nesse contexto fizemos um levantamento parcial histórico sobre a condição do contador de história. Esse processo fez-se necessário, porque até meados dos séculos XVIII, era uma função exercida pela personagem masculina. E na literatura infantil do Brasil essa condição se manteve até o início do século XX, tendo como divisor de águas a obra *Reinações de Narizinho*.

Para Gramsci (1982) conhecer a história é o primeiro passo para a libertação da humanidade. E um dos caminhos para se conhecer a história é por meio oral e depois pela introdução da literatura.

## **2. A personificação do contador de história**

Para situarmos sobre o contador de historia temos que recorrer às questões históricas de sobrevivência do homem, não há um período específico no contexto histórico para afirmar quando nasce essa imagem do contador de histórias. Acredita-se que essa personificação nasça no período paleolítico, ou seja, quando o homem passa a ser organizar e viver em grupo. Vivendo em grupo há a necessidade de transmitir os conhecimentos adquiridos pelos mais velhos ao grupo dos mais jovens, em primeiro lugar para ensinar a questão de sobrevivência e as técnicas de alimentação e proteção do grupo em comum. Em segundo lugar para manter um vínculo de família e ancestralidade espiritual. "No centro, a história é uma unidade fundamental das tradições orais, ela acolhe a vivência religiosa, o conhecimento, a ciência da natureza, o ensino de um ofício, a memória histórica e a diversão". (MATOS, 2005)

E juntos a estas questões fazer a manutenção do grupo quando for necessário. Naquele período histórico não chamaríamos de contador de histórias a imagens dessas pessoas que tinham por obrigação conservar e transmitir conhecimento. Essas pessoas seriam conhecidas como, conselheiros ou como conhecemos atualmente por causa de algumas tribos nativas americanas, essas pessoas também seriam conhecidas como xamã, pajé entre outros nomes de acordo com cada grupo. A principal função

era transmitir conhecimento por meio de histórias dos antepassados.

E esse hábito de contar histórias permaneceu inclusive nas grandes nações que nos antecederam. Por exemplo, os gregos usavam este subterfúgio para narrar as grandes conquistas, muitas delas idealizadas e contempladas pela literatura. No período da idade média ocidental europeia, o estado se utilizava dos moldes teatrais para ensinar e transmitir o conhecimento religioso e para os aldeões que vivam a margem da sociedade, esse ensinamento era transmitidos pelos sacerdotes, que utilizam do contexto da história oral para doutrinar.

O hábito de contar histórias pelo modo oral, não se restringe apenas ao mundo ocidental, os povos orientais e árabes, também utilizavam o contexto de narrar histórias para contar os grandes feitos de conquistas de guerras e de outros povos e até mesmo religiosas, para as novas gerações.

De acordo com Gramsci (2004), uma nação que conhece a própria história, tem pleno conhecimento de sua estrutura social e a partir deste conceito, o sujeito consegue modificar o ambiente em que vive. O ato oral de contar história sempre foi um recurso apreciado pela humanidade para narrar os grandes fatos criados ou observados pelo homem.

Contar história a uma criança é renovar esse comprometimento com o conhecimento e quanto mais se renova, mais se transmite o objeto principal que é o desejo de se obter uma boa educação, igualitária e justa as todas as nações e a todos os cidadãos.

Então a imagem do contador de história sempre existiu desde os primórdios da humanidade e desempenhou e ainda desempenha a função de ensinar e transmitir conhecimento.

### **3. A personificação do contador de história no Brasil**

No Brasil, a imagem do contador de história também vem dos povos nativos ancestrais. Os nativos indígenas que cá viviam tinham por hábito narrar histórias por meio oral, narrando principalmente sobre as questões da espiritualidade e de liderança. Contavam-se histórias em contexto que as novas gerações compreendessem a necessidade de conservar essa transmissão de conhecimento de geração a geração.

Com o passar dos séculos essa prática não deixou de existir, mas se propagou por meio dos povos escravizados que narravam por meio

oral, histórias para “agradar” as crianças de cultura portuguesa. Com o fim da escravização, essa cultura de narrar história por meio oral ficou relegada aos avós, que em suma transmitiam conhecimentos de sabedoria popular.

Essa cultura de narrar histórias por meio oral se disseminou e chegou ao contexto escolar no início do século XX. Nesse contexto as histórias narradas eram de cunho educacional projetado para incluir os filhos dos trabalhadores ao ambiente escolar.

#### **4. Monteiro Lobato como percussor do contador de histórias no ambiente escolar**

Monteiro Lobato com um entusiasta do modelo educacional dos Estados Unidos da América, junto com seus amigos Anísio Teixeira e Fernando Azevedo, se inteiraram da teoria de John Dewey, ao qual privilegiava dentro de seus parâmetros a imagem do contador de histórias para transmitir os diversos tipos de conhecimento, concebido pelo modelo escolar. Munido dessa teoria Lobato produz uma vasta literatura para o público infantil. Porém a que mais contempla a imagem do contador de histórias é *Reinações de Narizinho*, nessa literatura aparece à imagem de duas contadoras de histórias, a primeira é dona Benta que transmite o conhecimento erudito as crianças e a segunda é tia Nastácia que transmite o conhecimento popular. Ambas são de imagens femininas dotadas de culturas diferentes, mas que se completam.

#### **5. A importância do contador de histórias dentro de *Reinações De Narizinho***

Para contemplar a personificação do contador de histórias dentro de *Reinações de Narizinho*, temos que situar a obra inaugural de Monteiro Lobato *A Menina do Narizinho Arrebitado* de 1920, nessa literatura Lobato concebe a obra sem a imagem do contador de histórias, tudo o que acontece dentro da obra é por meio da imagem de Narizinho que adornece a beira do rio e a partir desse contexto a história se desenrola.

Porém na obra *Reinações de Narizinho*, Lobato introduz a imagem do contador de história na imagem da personagem de dona Benta, é ela que estrutura o enunciado e que anuncia os fatos que vão decorrer a partir da narração consolidada por essa personagem dentro do texto, ela

torna as histórias mais interessantes e também utiliza contextos históricos para narrar de forma simples aos seus netos.

– Coitada de vovó! – disse um dia Narizinho. De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; a gente espreme e não sai mais nem um pingo. Era a pura verdade aquilo – tão verdade que a boa senhora teve de escrever a um livreiro de São Paulo, pedindo que lhe mandassem quanto livro fosse aparecendo. O livreiro assim o fez. (LOBATO, 1970, p. 106)

Essa imagem do contador de histórias consolida-se e se fortalece a partir da obra *Reinações de Narizinho*, tanto que o autor Lobato rejuvenesce as características da personagem dona Benta, por exemplo – em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, dona Benta é uma personagem velha e judiada pela vida, é uma mulher simples que não exerce nenhuma função a não ser, ser a avó de Narizinho.

Contudo em *Reinações de Narizinho* a personagem aparece remoçada, com cerca de 60 anos, mais ativa e desempenhando várias funções dentro do sítio, uma delas é a do contador de histórias com cunho pedagógico, pois são por meio dessa personagem que a cultura erudita é repassada as crianças Narizinho, Pedrinho e os outros personagens do sítio. Contando histórias, dona Benta ensina literatura, história, geografia entre outras disciplinas que fazem parte do universo escolar.

A partir dessa constatação verificamos a importância da personagem feminina dentro da obra *Reinações de Narizinho*, pois Lobato usa o recurso da personagem feminina delicada, mas ativa, sutil, porém forte, amorosa, porém decidida, é também a administradora do sítio e transmitir a imagem de segurança que as outras personagens precisam. Lobato não coloca uma imagem masculina dentro do sítio para desempenhar as funções de hierarquia, todas são desenvolvidas pela personagem de dona Benta.

Outra imagem feminina, que também exerce a função de contadora de histórias é a personagem de tia Nastácia, porém a principal diferença entre dona Benta e tia Nastácia é o grau educacional. Tia Nastácia era apenas a quituteira do sítio e tinha o conhecimento popular, ou seja, os contos folclóricos, indígenas, contos mistos com contextos europeus adaptados a uma linguagem popular e personagens de conhecimento do mundo rural brasileiro. Juntando todos esses contextos tia Nastácia de um modo simplório contava também suas histórias riquíssima em fantasias que agradava não só os personagens do sítio como os pequenos leitores das obras de Lobato.

Monteiro Lobato utilizar-se do recurso das personagens femininas para elaborar e criar histórias que contemplassem o universo infantil.

A condição de escritor funcionou muitas vezes como justificativa de prebenda ou de sinecura; e para o público, como reconhecimento do direito a ambas, – num Estado patrimonialista como era o nosso. Ainda depois da Revolução de 1930, certa reforma severa no então recente Ministério da Educação. (CANDIDO, 2006, p. 93)

Lobato acreditava que um personagem masculino dentro do sítio daria ao texto um ar austero e servil, sobre este ponto de vista do autor, não podemos deixar de esclarecer que estas obras infantis foram produzidas no início do século XX, a onde vigorava uma sociedade patriarcal, que se impunham seus pensamentos e lideranças a sociedade menos privilegiada e isto incluíam as crianças e as mulheres entre outros sujeitos que viviam a margem da sociedade. "É preciso romper com a educação, enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado". (ADORNO, p. 27)

Por essa razão, no intuito de humanizar os conteúdos ao público infantil, Lobato optou pelas personagens femininas, solidificando o ambiente e o tornando mais aconchegante, a transmissão de conhecimento. Que para Lobato não era uma obrigação a ser efetuada, mas sim um exercício de consciência e serenidade que teoricamente nesse contexto as crianças aprendem os conteúdos com mais facilidade.

## **6. Considerações finais**

No paradigma entre o autor e o narrador, nos deparamos com uma literatura humanizada, tratando de diversos assuntos e rompendo com algumas estruturas de hierarquia vigente do início do século.

Ao utilizar as personagens femininas, Lobato se aproxima do público infantil, ao realiza-lo ainda que sob uma salvaguarda como seja a questão de tia Nastácia, Lobato ainda oferece um lugar melhor a esta personagem, por que ele dá voz à personagem que no início do século, nem teria voz. Junto com esse destaque, a personagem de dona Benta, é uma personagem ativa, conhecedora e detentora de uma cultura universal. Condição também só ofertada às personagens masculinas. Lobato rompe com uma estrutura fixa e cria a própria estrutura. A importância das personagens femininas dentro da obra de Monteiro Lobato, é que de modo simples criador e criatura rompem com o modelo estrutural de sociedade

e propõem um novo conceito para deliberar as condições de ensino.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. W. *Educação e emancipação*. Trad.: Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*, vol. 2. Tradução e edição de N. C. Coutinho, S. L. Henrique e. A. M. Nogueira. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad.: C. N. Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LOBATO, M. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Revista Brasil, Monteiro Lobato e Cia., 1920.

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MATOS, G. A. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.